

## Coincidências

*MANOEL FERREIRA DE CASTRO FILHO*

Este ano, cuja carga de grãos na ampulheta do tempo já se está a escoar, registra algumas coincidências curiosas, dignas de transcrição.

Um, alegres e felizes; outras, tristes e amargas.

1987 assinala o reaparecimento, jubiloso, desta valiosa “*Convergência*”, elo cultural dos mais consistentes na abençoada cadeia da luso-brasilidade; aponta a importante e festiva efeméride do “Sesquicentenário de Fundação do Real Gabinete Português de Leitura”; marca, indelevelmente, o “Centenário da Inauguração do Edifício” que o abriga e no qual o insígne Arquiteto português Raphael da Silva e Castro, pôs, no filigranado de sua traça, todo o seu amor e privilegiado talento.

É, também, o ano em que se comemora o “Centenário do Nascimento de Heitor Villa-Lobos”; e marcará, daqui para o futuro, em nossa saudade, o ano da “partida sem regresso” desses dois outros ilustres brasileiros: Gilberto Freyre e Carlos Drummond de Andrade, amigos fraternais do Maestro, e, tal como ele, tão afetuosamente ligados a Portugal e aos portugueses.

Um, alegres, outras amargas. . .

Villa-Lobos nasceu seis meses antes de se inaugurar o nosso belo Edifício, a 5 de Março de 1887; e o prédio — com a presença da Princesa Regente — franqueou suas portas à mocidade do Brasil a 10 de Setembro.

O pai de Villa-Lobos, o Professor Raul Villa-Lobos, segundo o próprio Maestro nos revelou, em 1937, — quando se comemorava o Cinquentário da inauguração — assistiu à solenidade. Ele exercia, àquela época, o cargo de Secretário da Biblioteca Nacional, trabalhando ao lado de Frei Camilo de Montserrat, de Saldanha da Gama, de Capistrano de Abreu e de Ramiz Galvão, que era o seu Diretor.

Quando, em 1895, o Conselheiro Ernesto Cybrão convidou o Barão Benjamim Franklin de Ramiz Galvão para organizar o Catálogo da Biblioteca

do Gabinete, o Professor Raul Villa-Lobos deve ter dado a sua “mãozinha” ao Barão, pois havia acabado de organizar a Biblioteca do Senado Federal e era um entusiasta do sistema decimal preconizado por Melvil Dewey, que foi o adotado no Gabinete, em substituição ao método de Brunet.

Villa-Lobos tinha por Portugal e pela cordialidade do seu povo um grande encantamento. Quando ele morreu, Gastão de Bettencourt, ilustre musicólogo português, prestou-lhe sentida homenagem, realizando no Conservatório Nacional de Lisboa belíssima conferência, assistida pela nossa Cristina Maristany, e na qual concluiu, a referir-se ao Maestro:

“ . . . estamos a evocá-lo para que se não julgue que Portugal esqueceu o muito que deve a Villa-Lobos, que também soube fixar a nossa terra, que percorreu, como no Brasil, onde tanto encontrou da nossa presença real, auscultando-lhe os segredos, desnudando-lhes a alma e, por isso, tanto sente também a perda irreparável do país irmão, ao lado do qual está sempre, tanto nas más como nas alegres horas. . . ”

Coelho Netto, depois de ouvir Villa-Lobos, assinalando as originais latentes em sua música, compôs para ele o soneto “Música Brasileira”.

São dele a quadra e o terceto que aí se vêm:

“ . . . Mas sobre essa volúpia erra a tristeza

Dos desertos, das matas e do oceano,  
Barbará poracê, banzo africano,  
E soluços de trova portuguesa.  
És samba e jongo, chiba e fado, cujos  
Acordes são desejos de orfandades  
De selvagens, cativos e marujos. . . ”

Portinari, com as vísceras atacadas pelo branco de chumbo de suas tintas, amargurado pelo pesadelo da morte, lamentou, num dos muitos poemas que deixou, a perda dos entes mais queridos:

“ . . . Tempestades em fúria arrancaram-me  
O pai, a avó, o tio,  
Com eles perdi a infância, os sonhos  
E a força. Em que mundo estarão?  
Estão em meu pensamento.  
Às vezes espero uma palavra  
Vinda pelo vento. Olho a luz, procurando.  
Como resposta só há silêncio. . . ”

Alguém já o deve ter dito; e, se o não disse, diga-o, ou repito-o eu, agora: — o mundo parece que fica menor quando morre um génio.

De fato, o desaparecimento de homens como Villa, Gilberto e Carlos Drummond cai-nos como algo que, apesar de inevitável, não deveria ter sido assim.

Conforta-nos o pensamento de Menotti Del Picchia: — “Caem impérios, desaparecem fulminantes dominadores, estadistas iluminados sepultam-se nas ruínas das suas criações políticas; o *artista* supremo fica. Fica íntegro, eterno, inatingível”.

Villa-Lobos disse uma vez, depois de haver sido retalhado, para a extração dos tentáculos metastáticos de um câncer: “*Eu tenho vida para toda a Vida*”. Com a premonição dos génios, ele *sentia* que essa *Vida* não se iria extinguir, ela continuaria, transfundida na sua música.

Apeando-se da estante, quando ensaiava ou regia os concertos, Villa deixava lá, junto à batuta, aquele ar feroz que enganava e assustava as pessoas. Na intimidade de seus amigos, no regaço de seus familiares, cercado pelas crianças — que o adoravam —, Villa-Lobos era um manso, no sentido bíblico da palavra.

Foi um *bom!*

Dos muitos escritos seus, que guardamos com carinho, escolhemos este, para atestá-lo:

“Se houvesse alguém no mundo que pudesse colocar um metrônomo no cima da terra, talvez estivéssemos mais próximos da paz. Porquê se desentendem, vivem descompassados raças e povos? Porque não se lembram do metrônomo que guardam no peito, o *coração*.”

Houve, aqui, um tempo em que não só os “campos”, mas, também, as suas “adjacências”, andavam. . . “verdejantes”. . . Então, “por dá, cá, aquela palha”, as pessoas eram taxadas como comunistas.

Ora, Villa-Lobos havia regido, duas ou três vezes, dezenas de milhares de estudantes das nossas escolas primárias, envergando um blusão de cetim azul-rei, que podia ser tomado por — um pijama russo, daqueles dos Cossacos do Don. Mas tinha que ser assim! Eram as famosas concentrações orfeônicas do “7 de Setembro” — tão gratas ao coração de Getúlio Vargas. Villa-Lobos, trepado numa plataforma de dez metros de altura, vestindo o carnisolão azul, refulgente sob o sol que declinava, era o ponto de convergência para aqueles olhinhos juvenis que a distância lhe seguiam o movimento preciso dos braços, ora a imitar o ondular do oceano e das coxilhas e o farfalhar dos coqueirais nordestinos, ora a fazer entoar, com unção, as canções e os hinos da Pátria.

“Viva o Sol, de nossa terra”. . .

ou “Oh! Tupã, rei do Brasil” (Canto do Pagé).

Com aquele “pijama russo tinha que ser comunista”. O Maestro deu uma boa gargalhada quando lho disseram.

Há, ainda, uma outra faceta na fascinante personalidade de Villa-Lobos

que desejo ressaltar; a sua religiosidade. E o faço, seguindo o conselho do meu saudoso Mestre, Afrânio Peixoto, — esse lusíada nascido na “Província da Baía” —, com a intenção de “recolher o disperso e salvar o esquecido e esquecível”.

O Maestro se presumia católico, mas, como em tudo o mais, “era um católico à sua maneira, pois nunca o vi rezar” —, dizia-nos Mindinha, sua admirável companheira de tantos anos. Entretanto, a extensa obra religiosa que nos legou é disso prova inconteste. Nela avultam essas extraordinárias peças: “Missa de São Sebastião”, o “Magnificat Alleluia”, (encomendado a Villa-Lobos pelo próprio Papa, Pio XII), e a soberba sinfonia — a décima — “Sumé Pater Patrium”, feita por encomenda dos organizadores das comemorações do IV Centenário de São Paulo. *Sumé* é ainda palavra indígena que, segundo Anchieta, autor do poema, significa *Deus*. Então, pode-se traduzir o título dessa obra portentosa por *Deus, Pai das Pátrias*.

Ao compor esse gênero de música, Villa-Lobos deveria estar sob a mesma aura que guiava a goiva e a maceta daquele santeiro de Valbom, Cyriaco da Costa Tavares: “eu não *faço* santos — dizia aos que dele escarneciam por vê-lo ajoelhar-se diante das próprias obras — eles estavam lá, dentro das toras, eu não fiz mais do que tirar de cima deles as lascas que os estavam a encobrir”.

As cinquenta e tantas obras sacras que Villa compôs, entre Ave-Marias, Padre-Nossos, e os Tantum-Ergo, os Salutaris, as Missas, os Hinos e Marchas, foram as orações enviadas ao Céu, com fervor, que Mindinha nunca lhe ouvira rezar doutra maneira. Foram muitos os seus amigos da Igreja: padres, freis, cônegos, monsenhores, etc. Um desses amigos e admiradores, Frei Antonio Garciândia Gamboa, que havia sido seu aluno no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, e a quem o Maestro dedicou o “Hino a Santo Agostinho”, acompanhou-o até os últimos instantes de sua admirável vida terrena. Foi ele que lhe ministrou a extrema-unção, murmurando, comovido, aos ouvidos de Villa-Lobos: “Maestro, vamos rezar juntos. O senhor já está redimido de suas culpas terrenas com “Sumé Pater Patrium”. . .

No Céu, como sabemos, não há impossíveis. . . É bem provável que a estas horas, Johann Sebastian Bach — considerado pelo Maestro “fonte universal da Música”, — esteja lá em cima a arregimentar um enorme coral de anjos, para, neste 1987, comemorar o Centenário do seu maior discípulo e grande admirador brasileiro, Heitor Villa-Lobos.

E aí, então, o Senhor Deus, que tudo vê e de tudo tem conhecimento, sabendo que eles, cá em baixo, na Terra, tinham sido muito amigos do Maestro, chamou para a Sua companhia os dois: Gilberto Freyre e Carlos Drummond de Andrade, a fim de que, sentados à sua mão direita e à sua esquerda, assistissem ao “Grande Concerto dos Anjos”. . . Coincidências. . .